



O DIÁLOGO SOBRE A ESCOLA POLITÉCNICA ENTRE PISTRAK E SHULGIN NOS ANOS INICIAIS DA RÚSSIA SOCIALISTA

Elaine Cristina Melo Duarte¹
Leandro Sartori Gonçalves²
Marta Loula Dourado Viana³

INTRODUÇÃO

Esta comunicação tem por objetivo fazer uma reflexão sobre a educação politécnica verificando as aproximações e divergências no modo como Moisey M. Pistrak e Viktor Shulgin concebem a relação entre educação e trabalho.

Na atualidade, as traduções das obras de Pistrak e Shulgin tem vínculo intrínseco à produção de Luiz Carlos de Freitas, para o qual as contribuições pedagógicas dos autores têm maior significado para o processo de construção da pedagogia socialista. Neste sentido, os trabalhos dos autores têm sido bastante utilizados no âmbito dos movimentos sociais de esquerda como contribuição para o desenvolvimento teórico e experimental de uma pedagogia socialista no Brasil.

Pistrak e Shulgin, após a Revolução de 1917, vincularam-se as experiências educacionais de formação do “novo homem”, homem socialista. Este contexto foi marcado por problemas diversos, os quais dividiam(em) interpretações e análises. Levantamos o contexto histórico em que os autores estão inseridos e a relação que a escola politécnica por eles pensada tem com o contexto concreto.

1 Mestranda em educação da Universidade Estadual de Campinas. Bolsista Capes. Atualmente é integrante do grupo de pesquisa História e Sociedade da Educação no Brasil- Histedbr. Têm experiência como docente na Educação infantil e Series Iniciais do Ensino Fundamental. – UNICAMP – Brasil - Endereço eletrônico: elaynemellog@hotmail.com

2 Mestrando em Educação, vinculado a linha Filosofia e História da Educação, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente participa como estudante no grupo HISTEDBR/Campinas, HISTEDBRAL e é bolsista da Capes. Endereço eletrônico: leandrosartorigoncalves@yahoo.com.br

3 Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é professora assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e pesquisador da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Brasil. Endereço eletrônico: mldviana@yahoo.com.br



METODOLOGIA

Entre os livros traduzidos daremos destaque a “Ensaio sobre a Escola Politécnica” de Pistrake “Rumo ao Politecnismo” de Shulgin, os quais dialogam intensamente sobre, não apenas a incorporação do trabalho na escola, mas a incorporação do trabalho de natureza politécnica na escola.

O destaque nestas duas obras necessita de duas observações: o diálogo das obras entre si e com a história da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Dessa forma, tentaremos responder as questões sobre a escola politécnica colocadas num determinado contexto histórico, buscando os avanços e limites dessa experiência.

DISCUSSÕES

O desenvolvimento histórico do capitalismo na Rússia se dá de modo a conciliar formas desiguais e combinadas de diferentes modos de produção. A agricultura é preponderante atividade econômica do país e carregada de desenvolvimento atrasado em relação às técnicas de produção e em relação ao modo organizatório de relações sociais. Ao mesmo tempo, há desenvolvimento industrial, onde são agregadas determinadas técnicas avançadas de produção.

O descompasso assinalado engendra condições de vida díspares à população, já que em termos econômicos tal situação delegava as massas duras condições. O avanço das contradições viabiliza a emergência grevista já nos primeiros anos do século XX.

Se o refluxo social é refreado nos primeiros anos do século. No entanto, a piora das condições de vida e a perda da base social das classes dominantes durante a Primeira Guerra são a janela para que os setores de vanguarda da esquerda se pusessem a orientar as massas no sentido do estabelecimento da democracia proletária. A revolução acontece em fins do ano de 1917.

O governo popular tem de enfrentar duras condições para se estabelecer. Destacamos, pelo menos os aspectos: a necessidade de se sobrepor e enfrentar a contrarrevolução em suas manifestações interna e externa; premência do desenvolvimento econômico como condição de robustecimento da socialização dos bens sociais, enfrentando os desafios postos pela materialidade Russa e pela condição de não revolução em países mais



avançados; formação do novo homem que se vinculasse a essas condições; entre outras. (BAMBIRRA, 1983)

No fim dos anos de 1920, época em que os autores que selecionamos escrevem, pululam os desafios enumerados. Em termos econômicos temos um país majoritariamente agrário que ainda carrega relações capitalísticas no campo e esta na pauta do dia a premência do desenvolvimento industrial nacional que pressupõe, mais que o estabelecimento e construção das indústrias, a formação de mão de obra para atuar consoantes os objetivos socialistas neste setor.

Davies (1998) dispõe nos anos de 1928-1930 as seguintes tarefas econômicas são imediatas: coletivização da agricultura em substituição das relações mercado⁴ e propriedade privada estabelecida junto aos Kulaks; aumento da produção industrial e capitais de construção; existência de sabotagem na produção pela existência de trabalhadores especializados “burgueses”. Estes tempos de expansão são garantidores do incremento de índices sociais, sobretudo os educacionais.

Neste contexto que devemos ler entender a produção da pedagogia.

O livro de Pistrak “Ensaio sobre a Escola Politécnica” publicado em 1929 na URSS apresentou-se como culminância de uma série de palestras sobre a escola politécnica realizada em cursos nas diferentes instituições científicas e educacionais após 1925. Nestas evidenciou-se que a escola politécnica não se tratava de algo futuro, mas de uma política possível no período de transição.

Para Pistrak (2015), a politécnica seria uma forma de impulsionar a consolidação do socialismo, uma vez que a articulação da educação com o trabalho produtivo seria o incremento para o desenvolvimento da indústria ao mesmo tempo em que se formava o novo homem socialista. Neste sentido, afirmava que independente do atraso em relação ao desenvolvimento da grande indústria, do sistema fabril capitalista em algumas regiões da URSS, as possibilidades da escola politécnica estavam latentes.

As possibilidades de efetivação da escola politécnica se interpunham também no campo, primeiro porque a produção no campo apesar de mais simples, é variada e

⁴ A política de coletivização concorre para garantia das condições de industrialização, na medida em que as fazendas coletivas minavam o poder das classes burguesas no campo. Subsidiavam cidade em termos de oferecimento de grãos, minando os boicotes ou aumento de preços praticados pelos kulaks. Nesse período observa-se o: “(...) lançar campanhas de alfabetização, criar bibliotecas, organizar formação para os kolkosianos e cursos por correspondência, realizar a escolarização dos jovens e a difusão maciça de conhecimentos agrícolas, a intensificação do trabalho cultural e político entre as mulheres e a organização de creches e cozinhas públicas para lhes facilitar a vida, construir estradas e centros culturais, introduzir no campo o rádio e o cinema, os serviços de telefone e do correio, publicar uma imprensa geral e uma imprensa especializada destinada aos camponeses e etc. (MARTENS, 2003, p. 102).



acessível a diferentes idades. Há envolvimento de toda a família no processo. Depois, porque a escola no campo poderá alavancar o processo de industrialização no campo de modo mais consciente., o que minoraria a diferença cultural entre regiões.

Ao contrário deste entendimento, Shulgin (2013), defendia que a escola politécnica somente poderia se realizar de forma efetiva no comunismo e vinculada ao universo fabril. Deste modo, somente no comunismo consolidadoseriam superados os limites e as contradições da formação profissional na sociedade burguesa, aproximando-se “o trabalho físico e o intelectual”, diminuindo-se “o abismo entre a cidade e o campo” e, “pela primeira vez começa a se tornar uma possibilidade real o problema do homem plenamente desenvolvido” (SHULGIN, 2013 p. 178).

Para o pedagogo, é através das fábricas que surge a premissa para o politecnismo, nas fábricas que deve ser implantado. Assim, somente faz sentido o politecnismo quando o trabalho nas fábricas não tiver mais os limites impostos por um modo de produção capitalista, ainda que mesclado com a construção do socialismo.

Shulgin (2013) faz críticas ao errôneo entendimento que fazem acerca do politecnismo, principalmente no que se refere às oficinas de artesanato, pois, para ele, as oficinas são usadas com objetivos práticos e artesanais chamando isso de politecnismo.

Sendo este um ponto de discussão com Pistrak o qual considerava esta teoria muito radical. Havia uma inadaptação das fábricas e usinas às tarefas da educação de escolares. Assim, as oficinas poderiam cumprir um papel formativo, já que estas seriam úteis no sentido de aproximar os estudantes do trabalho e técnicas de produção através do trabalho. Pistrak acreditava que isso é decisivo no sentido de politecnizar as escolas.

O pedagogo russo propõe que a escola deveria ser dividida em três núcleos: Primeiro, o propedêutico que abrange a escola inicial e onde vão dominar a organização por complexos com o trabalho infantil elementar e multivariado. O segundo, o prático onde o estudante conhece de modo planejado e sistemático os ramos principais da produção com a reestruturação do material educativo das disciplinas ligadas por meio do eixo politécnico. E o terceiro, o teórico-ideológico, no qual refere-se as generalizações em algumas disciplinas escolares e ao material educativo da produção.

Pistrak propõe o método de projetos, afirmando que “à medida que a escola caminhe em direção ao politecnismo, o trabalho socialmente necessário será, em grande medida, construído pelo método de projetos, pelo método de organização e construção do conhecimento” (PISTRAK, 2015, 157). As excursões estariam ligadas com o trabalho na fábrica ou oficina e com os temas das disciplinas.

No que se refere a relação entre trabalho e educação ambos autores compreendem



enquanto um princípio que articularia a escola à realidade de luta pela socialista. *Trabalho socialmente necessário* e *escola do trabalho* entendem que a escola deveria responder às necessidades da vida das pessoas, fazendo avançar o socialismo. Os autores criticavam a escola distante da realidade social, sendo essa distância superada pelo engajamento da escola no enfrentamento dos problemas cotidianos.

Nessa perspectiva, a aprendizagem escolar é intrinsecamente ligada a participação das novas gerações no trabalho. O conhecimento real e concreto aproximaria a escola dos trabalhos que necessitam solução, porém esse trabalho não deve ser somente feito pela escola, mas em conjunto com outras organizações sociais.

Para os autores era necessária a transformação da escola. O trabalho seria a melhor forma de introduzir as crianças na vida laboral, ligando-as a classe trabalhadora, não apenas entendendo-a, mas vivendo sua ideologia e lutas coletivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso ter em vista que os autores escreviam no contexto de uma luta gigantesca na URSS para ampliação das forças produtivas. Num momento em que a ideia de progresso estava intimamente associada à industrialização, desenvolvimento econômico. O domínio da técnica e o incremento da produção justificavam-se como um ponto básico para distribuição da riqueza. A escola cumpre um papel nesse sentido.

Pistrak tencionava compreensão de que educação e trabalho poderiam se dar assentadas sobre premissas politécnicas já naquele momento histórico, onde o desenvolvimento das forças produtivas não havia atingido a totalidade do país. Era tarefa imediata trabalhar com as contradições dadas fazendo avançar na politecnização da escola, visando formação multilateral do homem.

Shulgin defendia o trabalho socialmente necessário na escola. O trabalho socialmente necessário articularia o ensino com o trabalho produtivo desde a educação infantil. A partir de então ele formulou o conceito de avançar rumo ao politecnismo. Segundo ele é na fábrica que surge a premissa para o politecnismo.

Ambos os autores põem centralidade no trabalho como elemento articulador da realidade formativa da escola. A face da “velha escola” é mudada substancialmente a partir de sua ligação com a realidade e com o trabalho.



REFERÊNCIAS

BAMBIRRA, Vania. **A Teoria Marxista da Transição e a Prática Socialista**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

DAVIES, R. W. **Soviet Economic Development from Lenin to Khrushchev**. Cambridge University Press, 1998.

MARTENS, Ludo. **Stalin, um novo olhar**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

PISTRAK, Moisey M. **Ensaio sobre a escola politécnica**. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SHULGIN, Viktor N. **Rumo ao politecnismo**. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2013.